



ANTROPOLOGIA E RELIGIÃO: ANÁLISE DA FESTA DE MARIA MACHADO

Antropología y religión: análisis de la fiesta de María Machado

Anthropology and religion: analysis of the feast of Maria Machado

Givanilton de Araújo Barbosa¹

Resumo:

Este estudo² analisa a “Festa de Maria Machado”, tem por objetivo identificar a festa e como ela foi pensada e criada, leva em conta a noção de religiosidade popular e festa entre o sagrado e o profano, caracteriza os acontecimentos referentes à sua origem, manutenção e continuidade. Metodologicamente, subsidia-se através de estudos bibliográficos e de relatos orais. A festa foi idealizada pela própria organizadora, onde usa seu nome conhecido popularmente na localidade. Trata-se da celebração que foi criada por Maria Machado quanto a sua devoção ao São Sebastião, os primeiros festejos iniciaram num pequeno povoado na zona rural e consequentemente passou a residir num bairro da zona urbana da mesma cidade. Por fim, a celebração continua, embora fossem acrescentadas as bandas de forró eletrônico conforme as articulações políticas locais. Maria Machado não é mais viva, mas deixou seu legado de devoção entre o sagrado e profano.

Palavras-chave: Religiosidade popular. Festa popular. Maria Machado.

Resumen:

Este estudio analiza el «Festival de María Machado» con el objetivo de identificar el festival y su concepción y creación. Se examina la noción de religiosidad popular y la interacción entre lo sagrado y lo profano, caracterizando los eventos relacionados con su origen, mantenimiento y continuidad. Metodológicamente, se basa en estudios bibliográficos y relatos orales. El festival fue concebido por la propia organizadora, quien utilizó su nombre popular en la localidad. Se trata de una celebración creada por María Machado en devoción a San Sebastián. Las primeras festividades comenzaron en un pequeño pueblo rural y posteriormente se

¹ Mestre em Antropologia Social e Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e graduando de Pedagogia: Educação do Campo pela mesma instituição. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7215509323122028> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6953-6204> E-mail: gab2@academico.ufpb.br

² Foram apresentados os resultados parciais desta pesquisa no 3º simpósio Nordeste da associação brasileira de história das religiões – ABHR: “Religião, Direitos Humanos e Laicidade: Resistências, Diversidades e Sensibilidades” que foi realizado na Universidade Federal da Paraíba no ano de 2020 em João Pessoa, como também foram publicados nos anais do referido evento pelo Fogo editorial.



Revista Alteridade, Montes Claros – MG, v. 7, n. 2, jul./dez.-2025. ISSN 2526-3749

Artigo submetido em: 15 de outubro de 2025.

Artigo aceito em: 05 de novembro de 2025.

p. 12-24. DOI: [10.46551/alt0702202502](https://doi.org/10.46551/alt0702202502)

trasladaron a un barrio urbano de la misma ciudad. Actualmente, la celebración continúa, aunque se han incorporado grupos de forró electrónico en función de las dinámicas políticas locales. María Machado ya no vive, pero dejó un legado de devoción entre lo sagrado y lo profano.

Palabras-clave: Religiosidad popular. Fiesta popular. María Machado.

Abstract:

This study analyzes the "Maria Machado Festival," aiming to identify the festival and how it was conceived and created. It considers the notion of popular religiosity and the interplay between the sacred and the profane, characterizing the events related to its origin, maintenance, and continuity. Methodologically, it is based on bibliographic studies and oral accounts. The festival was conceived by the organizer herself, using her popularly known name in the locality. It is a celebration created by María Machado in devotion to Saint Sebastian. The first festivities began in a small rural village and subsequently moved to an urban neighborhood in the same city. Finally, the celebration continues, although electronic forró bands have been added according to local political articulations. María Machado is no longer alive, but she left her legacy of devotion between the sacred and the profane.

Keywords: Popular religiosity. Popular festival. María Machado.

Introdução

Este estudo se concentra no campo da antropologia da religião uma proposta para pensar a religiosidade popular e festa do campo à cidade, trata-se de contribuições antropológicas para a valorização de uma identidade cultural local, da construção do imaginário social e de várias relações simbólicas partindo da individualidade para a coletividade.

Ao levar em conta tipos de crenças que foram classificadas buscando expressar suas afinidades e distinções naturais, Malinowski (1986) caracteriza em ideias sociais ou dogmas as crenças incorporadas nas instituições, nos costumes, nas fórmulas mágico-religiosas, nos rituais e nos mitos. O autor ainda afirma que as crenças essencialmente estão relacionadas e caracterizadas pelos elementos emocionais expressos no comportamento.

Nada obstante, a interpretação dos dogmas consiste nas explicações ortodoxas de especialistas, geralmente estão carregadas de opiniões populares e gerais formuladas pela maioria dos membros de uma comunidade e especulações individuais. De acordo com Malinowski (1986, p. 157) ao estudar um conjunto de crenças, “busca-se demonstrar a dimensão e a profundidade social em termos quantitativos e qualitativos em cada item de uma crença”.

Já Durkheim (1996) discute a noção do totemismo, destaca que há a predominância da existência da crença no totem quando se leva em conta que há um ancestral em que o indivíduo deposita sua fé e devoção. O autor afirma também que “as crenças são de natureza manifestamente religiosa, já que implicam uma classificação das coisas em sagradas e profanas, é inseparável da

organização social” (DURKHEIM, 1996, p. 165). Durkheim infere que para Tylor e Wilken, “o totemismo seria uma forma particular do culto dos antepassados; a doutrina da transmigração das almas, certamente muito difundida, e que teria servido de transição entre esses dois sistemas religiosos” (1996, p.166).

Religião, um sistema cultural

A religião como um sistema cultural (Turner, 1974), (Durkheim, 1996), (Weber, 2004) diz respeito ao conjunto de crenças que foram criadas e ao longo do tempo difundidas pela coletividade. Ao definir a religião como sistema cultural, Clifford Geertz (1989, p. 101) analisa e descreve densamente enquanto fenômeno social, se revelando num objeto de estudo necessário para compreender a sua dimensão cultural e religiosa.

De acordo com Geertz (1989, p. 103), “os símbolos sagrados funcionam para sintetizar o ethos de um povo, o tom, o caráter e a qualidade da sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticas e sua visão de mundo”. O autor discute a crença e a prática religiosa de um grupo afirmando que ela permite:

Demonstrar representar um tipo de vida idealmente adaptado ao estado de coisas atual que a visão de mundo descreve, enquanto essa visão de mundo torna-se emocionalmente convincente por ser apresentada como bem arrumada para acomodar tal tipo de vida. O problema do significado em cada um dos seus aspectos de transição, de como os aspectos se funde gradativamente, de fato, em cada caso particular, que espécie de influência recíproca existe entre os sentidos do analítico e do emocional (GEERTZ, 1989, p. 104).

Por outro lado, é justamente em termos de um simbolismo religioso, um simbolismo que relaciona a esfera de existência do homem a uma esfera mais ampla dentro da qual se concebe que ele repouse, que tanto a afirmação como a negação são feitas (GEERTZ, 1989, p. 124-127). No ponto de vista do autor, o mundo da vida cotidiana, sem dúvida em si mesmo é um produto cultural, uma vez que é enquadrado em termos das concepções simbólicas do fato obstinado passado de geração a geração, é a cena estabelecida e o objeto dado de nossas ações.

Nessa perspectiva, Geertz (1989) ao analisar o evento, sobretudo, na ótica da crença religiosa tem sido apresentada, habitualmente, como uma característica homogênea de um indivíduo, como seu local de residência, seu papel ocupacional, sua posição de parentesco e assim por diante.

Por outro lado, Geertz (1989) trata a crença religiosa no meio do ritual, situando à pessoa em sua totalidade e transportando-a no que lhe concerne para outro modo de existência, ou seja, a crença religiosa é como um pálido e relembrado reflexo dessa experiência na vida cotidiana e não é precisamente a mesma coisa, a falha na compreensão disso levou a alguma confusão, principalmente em relação ao problema da chamada mentalidade primitiva de uma “natureza do pensamento primitivo” (p. 136).

Ao situar a religião como estudo investigativo antropológico, Geertz (1989, p. 140) destaca a importância da religião que está na capacidade de servir, tanto para um indivíduo como para um grupo, de um lado, como fonte de concepções gerais, embora diferente, do mundo, de si próprio e das relações entre elas, seu modelo da atitude e de outro, das disposições mentais enraizadas, mas nem por isso menos distinta de seu modelo para a atitude. A partir dessas funções culturais fluem, por sua vez, as suas funções social e psicológica.

Para Geertz (1989, p. 144), a religião nunca é apenas metafísica. Em todos os povos as formas, os veículos e os objetos de culto são rodeados por uma aura de profunda seriedade moral. Além do mais, o autor afirma que “em todo lugar, o sagrado contém em si mesmo um sentido de obrigação intrínseca, ele não apenas encoraja a devoção como exige; não apenas induz a aceitação intelectual como reforça o compromisso emocional”.

Portanto, o objeto deste estudo define-se como a “Festa de Maria Machado”, que se realiza anualmente no mês de janeiro em meados do dia 20 onde os festejos ocorrem durante uma semana, ela está vinculada a fé e devoção católica ao São Sebastião. Em suma, a festa de Maria Machado integra celebrações religiosas, parque de diversões e apresentações culturais como grupo de pífanos e grupos musicais. Atualmente as celebrações são realizadas tanto em homenagem a Maria Machado que foi a idealizadora da festa quanto ao São Sebastião envolvendo o público comunitário e regional.

A festa de Maria Machado

Conforme foi apresentado por Barbosa (2020, p. 645) a Festa de Maria Machado é uma celebração religiosa em devoção ao São Sebastião que iniciou por volta da década de 1970 no sítio retiro na zona rural do município de Itatuba-PB, em média de 115 km de João Pessoa capital

paraibana. Ela acontece anualmente por volta do dia 20 de janeiro, embora a sua organização inicia-se por volta do mês de setembro do ano anterior. Iniciou-se de forma individual que ao longo do tempo alcançou proporções significativas e simbólicas pela coletividade, ganhando formas e expressões culturais próprias.

Assim, os primeiros preparativos da Festa de Maria Machado se iniciaram em sua própria residência, anos depois, Maria Machado passa a morar em um bairro da zona urbana da mesma cidade. Maria Machado não é mais viva, mas deixou seu legado singular e, sobretudo sua devoção entre o sagrado e profano, tornando um passado vivo.

Ao se mudar para morar na zona urbana Maria Machado e sua “Festa de Maria Machado” ganhou mais especificidades culturais e religiosas vinculadas ao catolicismo, dessa maneira, não deixou de praticar suas ações culturais de origem rural e religiosa, cada vez mais vinculada a celebração da espiritualidade a São Sebastião. Consequentemente, as celebrações ganharam notoriedade popular e passaram a ser dedicada a idealizadora da festa, que desde o início teve o seu próprio nome.

Deste modo, enquanto objeto de estudo os fenômenos sociais requerem pesquisa empírica e acadêmica para a sua compreensão. Centrado no campo da Antropologia da Religião, está situado no que diz respeito à formação da identidade cultural brasileira, através das manifestações culturais imbricadas na religiosidade popular que são caracterizadas nos princípios da pessoalidade, fé e devoção à imagem sacra e espiritualidade. Além do mais, há a criatividade persuasiva com base na crença religiosa de mobilização comunitária, fazendo com que haja significativo reconhecimento desta crença, aceitação e integração da comunidade.

Portanto, este estudo etnográfico identifica a “Festa de Maria Machado” na constituição da identidade cultural e religiosa do município de Itatuba e região, que teve o percurso inicial no campo e transferindo-se para a cidade, reconhece e valoriza a festa como potencial de desenvolvimento do patrimônio cultural local. Ao aprofundar o estudo de forma processual, espera incentivar o contato dialógico com essa realidade sociocultural, onde iniciou os usos de métodos e técnicas de abordagem à pesquisa antropológica.

Caminhos da etnografia

A “Festa de Maria Machado” foi idealizada por Maria Machado, onde sua celebração se deu pela devoção a São Sebastião que recebeu seu próprio nome como era conhecida na localidade, a comemoração permaneceu com o nome da idealizadora. Em suma, possui especificidades próprias caracterizadas na fé católica e devoção, que teve uma transição, surgiu com a idealizadora onde ela residia num pequeno povoado na zona rural e com o passar dos anos a Maria Machado foi morar na zona urbana num bairro com pouca infraestrutura, onde continuou a realizar anualmente sua festividade.

Após o falecimento de Maria Machado foi dada a continuidade da realização da comemoração da festa pela comunidade local, agora, tanto para homenagear a idealizadora da festa que foi Maria Machado quanto para celebrar o dia de São Sebastião com o objetivo da manutenção e permanência da realização da festa anualmente.

Ou seja, ao longo do tempo a festa permaneceu com suas características principais idealizadas na zona rural, mas que também passou a ter novos incrementos, traços urbanos com a participação de outros grupos sociais e políticos da cidade, patrocínios, bandas de forró eletrônico, parque de diversões, a tradicional banda de pífanos e etc e especialmente a colaboração comunitária desde a organização a realização da festa.

O percurso metodológico buscou exercitar os métodos e técnicas de pesquisa antropológica sobre a antropologia da religião (TURNER, 1974), (MALINOWSKI, 1986, p. 156-157), (DURKHEIM, 1996, p. 166), (VELSEN, 1987, p. 355), (NADEL, 1987, p. 56). Foi realizada a coleta de relatos orais e da sistematização desses dados, onde buscou a relação do objeto de estudo com as perspectivas epistemológicas para pensar e refletir a religião como sistema cultural (Geertz, 1989, p. 101).

Ainda como percurso metodológico foi adotado a abordagem qualitativa amparada nos conhecimentos de antropologia da religião, como também aderiu aos estudos de história de vida (BOSI, 1979), memória individual e memória coletiva (POLLAK, 1989) e da coleta de relatos orais (QUEIROZ, 1988).

Relatos orais

Os relatos orais foram os principais fundamentos para contextualizar a festa de Maria Machado (QUEIROZ, 1988), por exemplo, Maria Machado saia de casa em casa pedindo mantimentos e ajuda aos amigos da cidade e região em cidades vizinhas para fazer a homenagem ao São Sebastião, também foi construída uma capela que era o sonho de Maria Machado para a continuidade da homenagem ao São Sebastião.

Atualmente continuam os mesmos festejos comemorativos como a colaboração de setores públicos e apoio da comunidade. A festa como um todo, há a parte lúdica com parque infantil, barracas de comidas típicas e as comemorações religiosas ao santo e em nome de Maria Machado. De acordo com os recursos financeiros disponibilizados pode possibilitar a contratação de grupos atrações musicais, há a permanência anualmente da participação de uma banda de pífaros para os cortejos e oferendas com apoio comunitário.

A origem da celebração, religiosidade e festa de Maria Machado

É um estudo interpretativo da cultura, que “representa um esforço para aceitar a diversidade entre várias maneiras que seres humanos têm de construir suas vidas no processo de vivê-las” (Geertz, 1997, p. 29). Diante disso, ao conversar com uma interlocutora a noite na calçada de sua vizinha, pergunto como aconteceu a idealização da “Festa de Maria Machado”, nesse momento era uma roda de conversa sobre a origem da festa e da devoção que Maria Machado teve por São Sebastião. Ao conversar com dona Maria, uma voluntaria da organização da festa desde seus primórdios, ela relata que:

“Olhe, eu era menina e Maria Machado já fazia sua comemoração a São Sebastião, hoje tem 62 anos de idade, em 1970 já fazia a festa, ela saia pedindo ajuda as famílias dos sítios nos povoados rurais da região, ela pedia de porta em porta ajuda para fazer a festa em homenagem a São Sebastião, as famílias ajudava com alimentos doava animais para fazer bingo e arrecadar dinheiro. Hoje a gente faz organiza uma festinha para homenagear a devoção dela por São Sebastião, ela fazia com muito amor, muita fé, ela gostava demais de fazer os preparativos. O fazer da festa era algo significativo e enriquecedor para a vida de Maria Machado como também seu gosto e apreço em organizar os festejos e oferendas ao santo em sua própria residência, na frente de sua moradia ainda na zona rural instalava-se um parque infantil, que ali, as crianças também pudesse brincar com suas famílias, os adultos localizavam-se na seresta, um espaço destinado para músicos apresentarem seu

trabalho, de forma geral, o divertimento e lazer para os visitantes". Os primeiros preparativos sagrados em devoção ao "São Sebastião" iniciavam-se dentro de sua residência com as imagens do santo, rezas, agradecimentos, ramalhetes de flores junto a imagem do santo. A celebração realiza-se anualmente no mês de janeiro, os preparativos iniciam no mês de agosto ou setembro com o pedido de colaboração nas comunidades circunvizinhas como também ao setor público municipal. A festa religiosa conta com a colaboração dos familiares, mas, sobretudo da comunidade e vizinhança, amigos e amigas de longas datas que teve e mantiveram o respeito a Maria Machado e a sua devoção. Atualmente, a celebração conta com apoio dos filhos e filhas dos que já colaboravam desde a criação da festa. A "Festa de Maria Machado" não faz parte do calendário de festividades e datas comemorativas do município, não ocorrendo o reconhecimento da municipalização da festa. Em vias de fato, por mais que diversas gestões do município colaboravam com as comemorações desde o início da festa, porém não ocorreu de forma efetiva aderência significativa quanto ao repasse anual de recurso financeiro. Por mais que a festa possui valor simbólico imaterial, tem importância pros comerciantes do bairro, já tem a criação desse imaginário da festa na população, mas não tem a devida valorização e reconhecimento pelo setor público local, a gente queria a valorização ajuda da prefeitura de forma efetiva para ajudar a fortalecer, as vezes tem ajuda da prefeitura as vezes depende mais de qual político que tá como prefeito. Mas tem a participação da igreja da cidade, tem a participação popular porque quando a gente faz a festa organiza tudo na rua da casa de Maria Machado, e os festejos e parques é tudo aberto pra todo mundo participar, o cortejo feito com a banda de pífaros todo mundo pode participar, é uma festa do povo, é uma festa pública, permanecendo uma festa da comunidade" (Dona Maria, desde sua infância é voluntária da festa de Maria Machado, 2018).

Em suma, a festa de Maria Machado é uma festa da comunidade que tomou grandes proporções no município e região, foi através da religiosidade popular e devoção ao São Sebastião que Maria Machado construiu importante legado cultural, simbólico e tradição local. Outra característica da festa se deu pela sua dualidade entre o rural e o urbano, ou seja, antes Maria Machado na zona rural fazia uma grande mobilização cultural com teor fortemente religioso de forma pessoal em nome do São Sebastião, já próximo dos anos 90 Maria Machado se mudou para a zona urbana, uma localidade caracterizada como periférica na época, assim, deu a continuidade à celebração em sua residência conforme fazia anualmente.

Além do mais, seu sonho era ter as devidas condições econômicas para construir uma capela em nome de sua devoção ao São Sebastião, mobilizou toda a comunidade e colaboradores para aderirem à oferta de material de construção para a construção da capela, assim que conseguiu o material de construção, construiu o templo no final do quintal de sua casa, anos depois, a capela foi realocada para um terreno na mesma rua e bairro que residia. Após o falecimento de Maria Machado, a festa passou a ter um duplo significado de valor, honra e respeito pela dedicação de Maria Machado como também à sua devoção ao São Sebastião.

Já na capela acontecem missas, rezas e noitários, a igreja católica matriz da cidade também contribui com a celebração dando essa legitimidade. No mês de maio, ocorrem no turno da noite

reuniões de rezas ao terço, na qual cada família é convidada e que pode fazer doações à capela. Há missas ou pequenas comemorações em todo o curso do ano, não há um calendário efetivo de comemorações da capela, quando há um voluntário a requerer tal comemoração ocorre a mobilização comunitária.

A Festa de Maria Machado quando passou a ser realizada na zona urbana, sem dúvida, tomou maior proporção, ou seja, ficou mais conhecida na cidade e região. Quanto a festa profana, acontece a sociabilidade através do consumo de bebidas, barracas de comidas típicas, há a banda de pífaros na qual está para seguir os pequenos cortejos da celebração como uma anunciação de uma representatividade imaginária e simbólica como forma de homenagem a São Sebastião e agora também a Maria Machado.

Assim, a participação da banda de pífaros é um dos marcos de toda a festa desde sua origem na zona rural do pequeno povoado de Retiro e que permanece até hoje como uma das identidades e características que marcam a festa.

Já as atrações musicais, como bandas de forró eletrônico começaram a fazer parte da festa, isso acontece quando a gestão da prefeitura municipal colabora neste sentido, isso se dá como forma de patrocínio, onde há a participação de comerciantes da cidade como forma de dar publicidade ao comércio local.

Maria Machado colocou em prática seus ideais e sua criatividade e mobilização através de sua crença popular, fé e devoção ao São Sebastião. Criou e deu significados no tempo e no espaço a sua festa e uma maneira de integração social, na qual pode contemplar diversas gerações no âmbito do sagrado e do profano. O parque infantil possibilita as crianças serem socializadas no cerne da celebração, adolescentes, adultos, homens e mulheres e, sobretudo os idosos a contemplar e cultuar sua religiosidade. Já a festividade profana possibilita a construção de novos laços socioculturais para celebrações do presente e futuras.

Contribuições antropológicas

A festa de Maria Machado é um objeto de estudo etnográfico, uma visão investigativa sobre a religiosidade popular na qual foi direcionada para investigar como foi constituída a festa, exemplo é que ela está vinculada a uma sabedoria individual e atrelada ao sentimento de coletividade dos

sujeitos que contribuem para a organização da festa, bem como dos demais participantes de forma direta e indireta.

As contribuições antropológicas se dão no reconhecimento empírico e na sistematização desse saber local relacionando-o com a ciência antropológica, tendo em vista que não há um estudo minucioso e nem se quer registros e documentos oficiais institucionalizados enquanto patrimônio cultural sobre a festa popular e religiosa católica.

Ou seja, quanto ao objeto de estudo do antropólogo, ou o objeto da Antropologia Social quer historicamente quer quanto à orientação total de seu enfoque relaciona-se à compreensão dos povos nativos, das culturas que criaram e dos sistemas sociais nos quais vivem e agem (NADEL, 1987, p. 49).

Nadel (1987, p. 56) afirma também que o antropólogo será diferenciado pelo papel ocupacional que tem de desempenhar por ser um observador científico, sempre curioso e fazendo perguntas, “penso que esta é a condição do trabalho antropológico e é esta condição que devemos justificar e explicar para as pessoas as quais estamos trabalhando”.

A festa de Maria Machado é caracterizada pela religiosidade e pela festa popular, é um patrimônio cultural imaterial onde valoriza a identidade cultural de um povo. Desse modo, o patrimônio imaterial está previsto no artigo 216 da constituição de 1988 que caracteriza dentro da imaterialidade as festas populares:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988).

Outro marco institucional se dá com o Decreto 3.551/2000 que prevê a preservação do modo de fazer, neste sentido, é importante que os agentes públicos reconheçam esse pertencimento e patrimônio imaterial local enquanto produção simbólica (BOURDIEU, 2005). Deste modo, o decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000 institui o registro de bens culturais de natureza imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, e cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências como:

Registros de saberes, dos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades; registro de celebrações rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social; registro das

formas de expressão, onde serão inscritas manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas; registro dos Lugares, onde serão inscritos mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas (DECRETO 3.551, 2000).

Ou seja, ao estudar a festa de Maria Machado foi identificada a manifestação popular religiosa de fé católica que contribuiu na efetivação das celebrações, foi através de relatos orais que foram identificadas as primeiras manifestações, considerando-as como uma invenção ou construção cultural (WAGNER, 1981), também foi identificada um pouco da história de vida de Maria Machado, suas motivações para a realização da celebração em homenagem ao São Sebastião.

Considerações finais

No campo da Antropologia da religião foi apresentado o estudo sobre a festa de Maria Machado, uma festa imbricada na celebração religiosa intrínseca ao sagrado e ao profano por meio de fé católica e devoção a São Sebastião. Não obstante, ateve-se para selecionar referencial bibliográfico antropológico que pudesse dialogar com o objeto de estudo, também com a finalidade para a reflexão acadêmica. Em suma, foi identificado aspectos da festa de Maria Machado que se caracterizou como um patrimônio cultural imaterial pertencente ao Município de Itatuba-PB.

De tal modo, espera-se a continuidade deste estudo como um saber local e aprofundamento teórico e metodológico sobre a identidade cultural local da festa. Maria Machado deixou o seu legado de honra, respeito, protagonismo, singularidade e, sobretudo sua devoção ao São Sebastião, tornando um passado vivo e imaterializado no saber local de um povo. Agora a festa é realizada para celebrar o legado de Maria Machado.

Por fim, o resultado deste estudo foi à identificação da celebração, ou seja, espera-se que haja o fortalecimento, o reconhecimento e a valorização da festa de Maria Machado enquanto patrimônio cultural imaterial, mediante a sua expressiva força de representatividade, identidade cultural e simbólica local. Portanto, a hipótese principal deste estudo é de que, tendo em vista que por meio da religiosidade e da festa popular local ocorra à manutenção da festa de Maria Machado e que a nova geração possa ter acesso e conhecimento dessa trajetória e legado.

Referências

- BOURDIEU, P. **A Economia Das Trocas Simbólicas**. Introdução, organização e seleção Sergio Miceli. 6^a Edição. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- BRASIL, [Constituição Federal \(Texto promulgado em 05/10/1988\)](#). Art. 216.
- _____, **Decreto Nº 3.551 de 04 de agosto de 2000**. Institui o registro de Bens Culturais de natureza Imaterial que constituem o Patrimônio Cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial.
- BARTH, Fredrik. “A análise da cultura nas sociedades complexas.” In, Barth, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro. Contracapa Livraria. 2000. Pp. 107-140.
- BARBOSA, Givanilton de Araújo. Religiosidade popular e festa, do campo à cidade: contribuições antropológicas para a valorização de uma identidade cultural do Município de Itatuba, Paraíba/Brasil. MARANHÃO, F. Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). In: Religião, Direitos Humanos e Laicidade: Resistências, Diversidades e Sensibilidades. **Anais do 3º simpósio Nordeste da associação brasileira de história das religiões – ABHR**. João Pessoa, Fogo Editorial, 2020.
- CLIFFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro. Editora LTC, 1989. (pp. 101-162).
- _____. A Religião como sistema cultural. In: GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro. Editora LTC, 1989. (p. 101-162).
- _____. “Ethos”, visão de mundo e a análise de símbolos sagrados. In: **O saber local. Novos ensaios em Antropologia interpretativa**. Tradução de vera Mello Joscelyne. 9^a ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 1997.
- MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. **Argonautas do pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné-Melanésia**. Prefácio de Sir James George Frazer; Traduções Anton P. Carr e Lígia Aparecida Cardieri Mendonça; Revisão de Eunice Ribeiro Durham. 2^a edição; São paulo: Abril Cultural, 1978.
- _____. 1986 [1954]. “A coleta e a interpretação dos dados empíricos”. [de: Baloma, os espíritos dos mortos nas Ilhas Trobriand]. In E. R. DUHRAN (comp.), **Malinowski, Coleção grandes Cientistas Sociais**, SP., Ed. Ática, pp. 143-158.
- MAUSS, M. ([1924] (1974), “Ensaio sobre a dádiva, forma e razão da troca nas sociedades arcaicas”, in.: **Mauss, M. Sociologia e antropologia**. São Paulo, EPU, vol. 2, pp. 37-184.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, Vol. 2, Nº 3. 1989.
- _____. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In.: **Enciclopédia aberta de Ciências Sociais 5: experimentos com histórias de vida (Brasil-Itália)**. Organização e introdução de SIMSON, Olga R. de Moraes Von. Edições vértice, São Paulo, 1988.

ALVES, F. L.. Patrimônio imaterial: disposições constitucionais: normas correlatas: bens imateriais registrados / Organização: Flávia Lima e Alves. – Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2012.

PEIRANO, Mariza. “Etnografia não é método”. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, ano 20, nº 42, 2014. 377-391.

A favor da etnografia. Rio de Janeiro: Relume -Dumará, 1995. 180 p.
http://www.marizapeirano.com.br/livros/a_favor_da_etnografia.pdf

TURNER, Víctor W. **O Processo Ritual: estrutura e anti-estrutura**. Tradução de Nancy Campi de Castro. Petrópolis, Vozes, 1974.

VELSEN, J. Van. A análise situacional e o método de estudo de caso detalhado. In **Antropologia das sociedades contemporâneas**, São Paulo: Global, 1987. (p. 345-373).

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2010 [1981].